Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comício Brasileiro Class.: Índios / SaúdeData: 12/08/92 Pg.: 13 SINRΦ177

Tuberculose ameaça saúde dos índios

“A descentralização do atendimento médico no País, fez e faz mal ao índio brasileiro”. A constatação, é do assessor da Fundação Nacional de Saúde (FNS), Antônio Miranda, feita ontem à tarde, aqui em Brasília, aos técnicos da Fiocruz, Funai e FNS que foram ao Ministério da Saúde para discutir o surto de tuberculose que grassa entre as tribos. “Hoje, o atendimento médico fornecido aos índios é um caos”, diagnostica Miranda. “Alguma coisa há de ser feita e, quanto à tuberculose, temos que fazer alguma coisa imediatamente”, exorta ele.

O Ministério da Saúde admite: “Não existem estatísticas precisas, mas são claros os indicativos, em todo o País, do aumento da incidência de tuberculose nas comunidades indígenas”. A confirmação, é do coordenador de Pneumologia Sanitária da FNS, Miguel Aiub Hijjer, que,

desde o primeiro dia no cargo, há três meses, vem recebendo informes alarmantes das secretarias de saúde estaduais. Algumas, sem fundamento: “de Roraima, recebi notícias de uma epidemia que, afinal, foi constatada que não existia”, recorda Miguel. “Mas, se morreram mil e cem pessoas de tuberculose no Rio de Janeiro, o que dirá em meio a todos os índios brasileiros”, supõe o coordenador.

Mudanças — A falta de informações precisas sobre o surto da doença entre as tribos, tem a ver com a mudança do modelo da assistência médica no País. “É uma história que já vem desde 1980”, entende Miranda. Referiu-se à extinção, naquele ano, da Unidade de atendimentos Especiais (UAE), do Ministério da Saúde, que, sob o comando dele, dava uma assistência específica aos índios. Por lei, a responsabilidade sobre a saúde dos índios brasileiros é da União. No caso, não da Funai, mas do Ministério da Saúde.

Com a reforma administrativa no ano passado, o índio perdeu ainda mais. Extinguiu-se o Programa Nacional da Tuberculose, assim como a Divisão até então

mantida pelo Ministério exclusivamente no combate ao mal. Hoje, a tuberculose faz parte de uma coordenação que inclui ainda outras doenças, como a lepra. “Não discuto a validade e a importância da reforma desta descentralização — ou municipalização — nas políticas de saúde; mas, nisso, quem mais sofreu na própria pele foi o índio”, afirma Miranda.

Nutels — O mesmo Miranda, entende que a tuberculose “não é um problema exclusivo dos nossos índios”. Nem mesmo do Brasil, como um todo. É mundial: “A tuberculose, vai da Holanda até Uganda”. Em relação às tribos brasileiras, ele diz, porém, que o País já comandou uma experiência que deu certo. “Foi nos anos 50 e 60, por intermédio do Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas, criado pelo sanitarista Noel Nutels”.

Com o apoio da FAB, as unidades volantes chegavam primeiro que a doença e, com toda a tecnologia então disponível, “vacinou-se os índios de quase todo o País, antes que eles tivessem contato com os brancos e pegassem a tuberculose”, lembra Miranda.